

RESENHA DO LIVRO ANTROPOLOGIA DA VIAGEM – ESCRAVOS E LIBERTOS EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XIX

BOOK REVIEW
ANTROPOLOGIA DA VIAGEM – ESCRAVOS E LIBERTOS EM MINAS GERAIS
NO SÉCULO XIX

*Bruna Santos de Andrade**

Referência completa da obra resenhada: LEITE, I.B. **Antropologia da Viagem – Escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX**. Belo Horizonte: UFMG, 1996

A obra *Antropologia da Viagem* de autoria da antropóloga brasileira Ilka Boaventura Leite é composta por nove capítulos, e versa sobre as representações (idéias e imagens) que os viajantes europeus presentes em Minas Gerais no período do século XIX, tiveram sobre os negros.

A autora elabora sua obra com a perspectiva de que os relatos das viagens são textos pré-etnográficos, e servem de sustentação para as teorias histórico-culturais que vêm surgindo ao longo do tempo, assim sendo, cabe ao pesquisador levar em conta as narrativas buscando os elementos ideológicos que as constitui, bem como o contexto ao qual esta inserido, pois não há garantias de que os relatos encontrados e analisados estejam isentos de intencionalidades, assim sendo:

Cada viajante constrói o texto, sistematizando fragmentos da experiência da viagem de outros, de suas vivências, expectativas e frustrações. A viagem enquanto texto, adquire uma fascinante multidimensionalidade. (LEITE, 1996 p. 15)

Leite ressalta em seu estudo, que os viajantes são a peça fundamental para recomposição do relato e que o diário de viagem é peça chave na construção da identidade do viajante, pois nele continha todas observações e inquietudes destes, bem como informações importantíssimas sobre a cultura brasileira:

Os relatos de viagem ao Brasil, enquanto fontes de informações, permitem leituras inesgotáveis. É possível extrair delas inúmeras informações e impressões. São como “jazidas” de ouro contendo grandes variedades de pedras preciosas. (LEITE, 1996 p. 14)

Neste sentido, os relatos são considerados como pontos de vista, pois tudo o que esta sendo observado e escrito, parte da perspectiva particular dos sujeitos, e estes tem por sua vez, experiências, interesses e atribuições de formação e critérios que de algum modo são produtores de intencionalidades e sentidos. Segundo Ilka Boaventura, pelo menos quatro variáveis devem ser consideradas na análise discursivas dos viajantes:

- O interesse pessoal – Este tem por características os interesses individuais do viajante, como por exemplo, determinado assunto que possibilita o mesmo um aprofundamento maior;
- O lugar visitado – A cultura local a qual esta sujeita a ser analisada, onde cada viajante determina o mesmo;
- O interesse financiador da viagem – Parte da perspectiva de aproximar temas de abordagens aos quais caminham de acordo com os interesses do patrocinador, e ainda;
- Os interesses do público leitor – Procurava-se preencher a curiosidade a qual julgava o leitor possuir sobre determinado assunto. Esta curiosidade era julgada muitas vezes e disseminada ao leitor através do que consideravam exóticos á cultura européia.

Desta forma, tomando como base um ponto de vista eurocêntrico, os estrangeiros escreviam seus relatos muitas vezes se voltando para o que consideravam “exótico”, surgindo assim, uma série de interpretações enviesadas acerca do território brasileiro e sua gente, sendo assim, cita a autora:

Interessa-me sim, principalmente, chamar a atenção para a multideterminação de aspectos que interagem no momento de elaboração da diferença. E nessa fase de transitoriedade e indeterminação, é em estado de “liminar” que eram forçados, pelo viajante, os critérios, portanto, os limites da diferença. (LEITE, 1996 p. 98)

Contudo, apesar do caráter ideológico de seus escritos, eles revelam detalhes importantes da realidade sócio-cultural brasileira, possibilitando a ampliação do conhecimento de certos aspectos históricos culturais nacionais que nos são ignorados, como por exemplo, a formação social dos sujeitos naquela época, suas relações sociais, bem como as estruturas hierárquicas existentes naquele período.

Segundo Leite, estes relatos possuem algumas características próprias, como a apresentação de homogeneidade, a confiabilidade limitada, ilustrações dos relatos para dar uma interpretação mais efetiva e por fim a noção de tempo como condução da narrativa, e estes detalhes, por sua vez, efetiva sua originalidade.

Com relação à representação dos negros na sociedade brasileira das Minas Gerais do Séc. XIX, os viajantes centralizavam suas narrativas no papel social desempenhado pelas mulheres. Tal olhar estava voltado apenas para a procriação, trabalho, casamento e o prazer sexual, porém havia certas hierarquizações entre as mulheres brancas, mulatas e negras, as primeiras eram para casar e muitas vezes não refletia o prazer sexual, e sim a figura da sensibilidade e fragilidade, a segunda tinha o estereótipo de sensualidade, onde de maneira geral era tida apenas para o prazer sexual, sendo que muitas vezes eram submetidas a determinadas situações contra sua própria vontade, e as terceiras que eram direcionadas a qualquer tipo de trabalho, como cozinhar, limpar e até mesmo eram levadas a fazer sexo com os seus senhores.

Desta forma podemos analisar através destes pressupostos que tanto a mulher quanto o homem negros, mesmo dentre os escravos, tinham uma função menos privilegiada perante aos outros, confirmando assim a idéia de que as representações e perspectivas de análise do outro, feitas pelos viajantes tinham um cunho racista branco europeu, e que estas análises conseqüentemente foram repassadas de gerações em gerações e estão presentes ainda contemporaneamente em nossa sociedade, um exemplo a citar seriam as novelas nacionais, onde na maioria das vezes o indivíduo negro assume um papel subalterno, ou seja, de representações que resultam em sua marginalização e estigmatização.

As descrições feitas pelos viajantes em relação aos negros, parte da perspectiva de condições de trabalho, costumes e suas práticas culturais, sendo assim pode-se perceber que os mesmos frisavam que a cor da pele também refletia nas respectivas organizações e condições sociais dos sujeitos, ou seja, os negros quase que em sua maioria quando não eram escravos, moravam nas periferias e subúrbios clandestinamente e eram marginalizados pela sociedade e seus senhores.

Pode-se analisar atualmente, sem generalizações, pois se sabe que a situação financeira do indivíduo também influencia nas relações sociais, que a condição social negra na sociedade brasileira ainda continua segregada, principalmente em relação às ofertas de trabalho que na maioria das vezes, quando não são braçais, são escassas. Desta forma, o contexto histórico-social progrediu, mas os papéis sociais em relação à população negra, ainda continua idêntica.

Na obra, fica evidenciado a figura da negritude como um problema social. Enfocando diferentes aspectos da vida em sociedade, os viajantes descrevem cenas e situações onde os sujeitos em destaque viviam clandestinamente na miséria e em condições sociais mínimas de sobrevivência. Segundo a autora, é necessário então, ter um posicionamento crítico ao ter-se contato com estes relatos, pois muitas vezes os aspectos abordados, tratam apenas de interesses individuais ou políticos da época, sempre levando em conta que estes foram resultantes da ótica de europeus que possuíam perspectivas próprias de sua época, e buscavam além de interesses, estratégias de subalternizar e justificar os sistemas de dominação de povos, grupos sociais e culturas.

Porém, deve-se destacar que todas as representações realizadas pelos viajantes não deixaram de influir nas representações sociais sobre o sujeito negro na sociedade brasileira. Houve a partir daí, uma grande onda de disseminação estereotipada para os brasileiros, partindo na maioria das vezes, de uma visão branca européia que reproduziam em seu interior o “racismo oculto” podendo ser ainda fortemente observado contemporaneamente. É possível observar atualmente que o racismo está presente em vários setores da sociedade brasileira, e nesse sentido a obra mostra-se como de fundamental importância para a compreensão dos esquemas que buscam justificar e naturalizar as desigualdades e preconceitos raciais.

Sendo assim, somos provocados a (re)pensar as representações com as quais estamos habituados, pois a naturalização destes estereótipos está cada vez mais presente, como por

exemplo, nos filmes nacionais brasileiros que em sua maioria retratam a violência e a marginalidade como estando associada aos homens, mulheres e crianças negras.

Neste sentido, através da leitura da obra, somos conduzidos a problematizar os sistemas de hierarquização, as perspectivas baseadas na visão branca européia, os interesses particulares, a procura do exotismo, os papéis sociais, as representações dos sujeitos, o papel da mulher, etc. Há, portanto, de se levar em conta que tais relatos são movidos por interesses que não deixam de constituir sentidos, representações e imaginações, cabendo-nos analisar estas representações e perspectivas para termos, condição suficiente de tentar entender a realidade do negro em nossa sociedade.

Assim sendo, trata-se aqui de uma breve discussão pautada na obra referenciada, onde retrata a realidade de uma determinada época baseada em relatos de europeus que buscavam o exotismo em nossa sociedade, e que através de seus relatos reproduziram suas inquietudes por meio de suas perspectivas. Todavia estas informações foram passadas em gerações e que hoje certamente resultam na naturalização de determinados estereótipos que causam um efeito devastador na formação sócio-cultural brasileira. Enfim, é necessário ressaltar que houve grandes mudanças e conquistas resultantes da união negros, a exemplo disso, a reforma constitucional de 1988, onde torna o racismo como crime inafiançável, no entanto, viver em uma sociedade onde em sua maioria não aceita a existência do preconceito racial é um obstáculo a ser superado, pois o primeiro passo certamente é aceitar, e então posteriormente achar a solução, no entanto, algo é certo, o preconceito esta ladeado com a falta de conhecimento. 🌐

*Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Email: andrade.br.cs@gmail.com

Recebido em 14 de outubro de 2013

Aprovado em 27 de maio de 2014